

Jogo limpo, regras sujas

Category: Diversos

20/04/2026

Jogo limpo, regras sujas.

Ou talvez... apenas regras invisíveis —
que já não queremos ver.

Jogo limpo, regras sujas

*Ou talvez... apenas regras invisíveis —
que já não queremos ver.*

Você vota em quem quer.

Mas, muitas vezes, elege quem não quer.

Isso não é, necessariamente, fraude.

É algo mais sutil.

É o resultado de um sistema onde:

- o voto é individual
- mas o resultado é coletivo
- e o caminho entre uma coisa e outra não é tão direto quanto parece

Até aqui, tudo bem.

Mas existe uma outra camada... quase invisível.

O ambiente onde o querer nasce

Hoje, grande parte do que pensamos, sentimos e decidimos passa por plataformas digitais.

E essas plataformas não são neutras.

Elas organizam o que você vê.

- priorizam conteúdos
- repetem certos temas
- silenciam outros
- mostram mais do que você já tende a concordar

Sem perceber, você não vê tudo.

Você vê **uma seleção**.

E essa seleção começa a moldar:

- o que parece importante
 - o que parece urgente
 - o que parece verdadeiro
-

Então... você escolhe mesmo?

Sim.

Mas escolhe dentro de um ambiente que já foi organizado antes de você chegar.

Isso não tira a sua responsabilidade.
Mas revela algo importante:

o querer também pode ser influenciado

E, quando isso acontece, surge aquela sensação estranha:

- você fez a sua parte
- mas o resultado não corresponde ao que você imaginava

Como em um cassino

O jogo é limpo.

As regras são claras.

Tudo acontece diante dos seus olhos.

E, ainda assim...

a casa sempre sai ganhando

Não porque trapaceia.

Mas porque **a vantagem já está embutida no jogo.**

Você pode ganhar uma rodada.

Pode até sair satisfeito.

Mas, no longo prazo,

o resultado já foi desenhado antes de você jogar.

Mas há algo ainda mais profundo

Não é apenas sobre política.

Nem apenas sobre plataformas.

É sobre algo que atravessa tudo isso.

Nós acreditamos que escolhemos entre o bem e o mal.

Mas... e se não estivermos vendo com clareza?

O engano mais sutil

O problema não é escolher o mal sabendo que é mal.

O problema é outro:

é chamar de bem aquilo que não é

E fazer isso com convicção.

Sem perceber.

Desde o princípio

A proposta nunca foi direta.

Não foi:

- “escolha o mal”

Mas algo muito mais sutil:

- “isso parece bom”
- “isso faz sentido”
- “isso é desejável”

E, aos poucos, o olhar se altera.

E então...

O bem deixa de ser reconhecido.

E o mal deixa de parecer errado.

Tudo continua acontecendo —
mas a percepção muda.

E, quando a percepção muda,
as escolhas acompanham.

Conectando com tudo o que vimos

Se o ambiente pode influenciar o que vemos...
e o que vemos influencia o que desejamos...

Então:

*o campo da batalha não está na escolha
mas na formação do olhar*

O ponto mais delicado

Porque, nesse estágio:

- a pessoa acredita que está fazendo o bem
- defende isso com sinceridade
- e, ainda assim... pode estar enganada

Não por maldade.

Mas por não ver.

E isso muda tudo

Porque o problema deixa de ser comportamento.

Passa a ser:

discernimento

Fechamento

Quanto mais invisível é a influência,
mais necessário se torna o discernimento.

Porque, no meio de tudo isso,
a única coisa que não pode ser terceirizada
é aquilo que governa o coração.